

Preto e branco.

(Para a edição de "IRIS" sobre "Iconegro", novembro de 82)

Ha fotografias em preto e branco, e fotografias em cores. De onde se conclui que o preto e o branco nao sao cores. Conclusao surpreendente, a primeira vista. Quem classifica a humanidade em "brancos", "pretos", "amarelos" e "vermelhos", nao estaria distinguindo o homem branco do homem "de cor", e sobretudo do preto? E nao sera isto precisamente um dos temas a serem tratados nesta Revista, quando se trata de "Iconegro"? Nao pretendo, neste artigo, discutir o aspecto estetico e moral do negro, (em fotografia e alhures), embora tenha a tocar indiretamente nele. Todos sabemos que o "preto e belo", (black is beautiful), e que o branco carrega a beleza do preto, (white man's burden). O que pretendo discutir, sobretudo, e o aspecto epistemologico do preto, (e do branco).

Ha hipotese antropologica segundo a qual o "homo sapiens sapiens" teria surgido sob forma de duas racas puras: a preta e a branca. Tal hipotese ve a humanidade em preto e branco. Pois seja ou nao seja correta tal hipotese, a pureza original nao resistiu ao desejo impuro que o preto sentiu pelo branco, e o branco pelo preto. Misturaram-se em lamentavel "melange adultere", que e tanto mais lamentavel, por nao ter resultado em homens cinzentos, mas em brancos, pretos, amarelos e vermelhos impuros. Para nem falarmos nos moreninhos, queimadinhos e cafes com leite. Mendel explica tal lamentavel impureza. O homem preto puro e o homem branco puro nao existem. O preto puro e o branco puro nao existem. O puro nao existe. A realidade e suja, e a hipotese acima aludida nao e boa, por ser limpa.

Que pena que o puro nao exista. Imaginem por um instante que exista o branco e o preto. Poderiamos entao afirmar que um dado objeto, um dado homem, um dado valor, ou e branco, ou e preto, e que nao ha terceira alternativa, ("terceiro excluido"). Tal visao maniqueistica do mundo e extremamente poderosa. Explica tudo. E sobretudo explica os objetos, homens e valores que nao sao nem pretos nem brancos. Reduz tais aberracoes ao preto e branco, ao afirmar que tudo que nao e preto e branco, (e vice versa). Nao riam. A logica aristotelica, com sua identidade, diferenca, e com seu terceiro excluido, repousa sobre tal visao, (embora nao afirme a existencia do preto e branco, mas a do verdadeiro e falso). Pois se voces imaginaram que o preto e branco existem, voces estavam fotografando o mundo em preto e branco.

Mas o preto e o branco nao existem. Sao extrapolacoes do arco iris. Situacoes de limite: luz totalmente ausente, luz totalmente presente. Sao ideais irrealizaveis. Por duas racoes distintas. Algo pode aproximar-se do preto ou do branco, mas jamais o sera realmente. E se, por espirito de conciliacao entre extremos, quisermos sintetizar o preto com o branco, afim de reconstituir o arco iris, de qual os dois limites foram abstraídos, nao teremos sintetizados cores, mas o cinzento. Que e a cor da teoria. O preto e o branco sao irrealizaveis. Nao sao cores, porque sao estritamente nada. Ou, se preferem: sao "abstracoes puras".

O preto e o branco nao existem, mas as fotografias em preto e branco, estas sim, existem. O verdadeiro e o falso nao existem, mas a logica, esta sim, existe. O bem e o mal nao existem, mas as ideologias, estas sim, existem. E fotografias, logica e ideologias existem concretamente: agem. A logica produziu a ciencia, a ideologia o pro-

blema do negro. Quanto a fotografia em preto e branco, esta produz nova visao do mundo. A qual e o tema deste artigo.

Fotografias em preto e branco abstraem as cores do mundo. Como podem fazelo? Tudo no mundo, para estar no mundo, precisa ser colorido. E nada no mundo e preto ou branco. Pois as fotografias em preto e branco conseguem fazer com que tudo no mundo seja preto ou branco, e nada seja colorido. Conseguem fazelo, porque nao representam o mundo do Ser, o mundo concreto. Representam um mundo do Dever-Ser: um mundo que e como deve ser para adequar-se a razao discriminadora. E e por representarem tal mundo "ideal", que as fotografias em preto e branco fascina.

Ha varios universos deste tipo. O discurso scientifico representa universo adequado a distincao entre o verdadeiro e o falso. O discurso ideologico representa universo adequado a distincao entre o bem e o mal. As fotografias em preto e branco representam universo adequado a distincao entre o preto e o branco. Mas o que fascina em tais fotografias e que representem um universo "ideal" de maneira nao discursiva. Codificam tal universo em imagens. As fotografias em preto e branco sao a primeira representacao imaginistica do mundo abstrato, a primeira "teoria" no sentido de "visao das puras formas".

Por certo: toda e qualquer imagem e abstrata. Abstrai do mundo concreto a sua dimensao de profundidade, e a dimensao do tempo. Mas se e abstrata, o e obrigatoriamente. Nao quer se-lo. As fotografias em preto e branco, pelo contrario, sao deliberadamente abstratas. Deliberam abstrair as cores do mundo. Pois abstracao deliberada, disciplinada, metodica, e "teoria".

Historicamente, o que acabo de dizer nao e correto. As primeiras fotografias eram pretas e brancas, porque os compostos de prata excluiam a representacao em cores. Mais tarde somente tornou-se tecnicamente possivel representar cores. Coisa a ser ruminada: a fotografia nasceu de teorias, (oticas, quimicas etc.), e levou a visoes teoricas do mundo, mais tarde concretizaveis em cores. O problema da fotografia nao era o de adequar a teoria ao mundo concreto, mas o de adequar o mundo concreto a teoria. Coisa que acontece sempre quando olhamos o mundo pelos oculos da teoria.

Embora incorreta historicamente, minha definicao da fotografia em preto e branco enquanto primeira teoria imaginistica e funcionalmente correta. O fotografo atual escolhe deliberadamente se vai recorrer a visao em cores, ou a visao em preto e branco. Os criterios da escolha sao geralmente "esteticos", intuitivos. Mas todo fotografo sabe que fotografias em preto e branco sao mais abstratas que as em cores. O fotografo escolheu a abstracao, ao ter escolhido o preto e branco. Quem se engaja no preto e branco, esta engajado em tarefa oposta a na qual esta engajado quem fotografa em cores. A fotografia em cores visa aproximar-se do universo que representa, a em preto e branco visa distanciar-se dele. Sao duas atitudes existenciais opostas.

No entanto, nao basta dizer que a fotografia em branco e preto e abstrata, distanciadada. Quem diz "abstrair", nao diz apenas "distanciar-se de algo", mas igualmente "recuar rumo a algo". A fotografia em preto e branco mostra visualmente que e possivel abstrair-se rumo a duas direcoes diferentes. Com duas metas opostas.

A meta pode ser tanto a de alcançar visao clara e distinta, com nitida diferenciacao entre o preto e o branco; como pode ser a de alcançar visao borrada, fundido o preto e o branco em varias tonalidades de cinzento. O resultado sera sempre fotografia abstrata, mas trata-se de duas abstracoes diferentes. A fotografia clara e distinta abstrai do mundo concreto rumo a formas puras, a borrada abstrai rumo a nebulosidade. A primeira e rigorosamente teorica, a outra e "teorica" no sentido no qual ideologias sao teorias. Criterios diferentes sao exigidos da critica de fotografias claras e distintas que de fotografias borradas, embora ambas sejam em preto e branco, ambas abstratas. Como sao diferentes os criterios da critica de teorias, e da critica de ideologias.

A critica de fotografias em preto e branco, campo que creio ser ainda virgem, permite aproximacao nova ao problema da abstracao, do distanciamento. O que se impoe e nao limitar a critica ao mero aspecto estetico das fotografias. Por certos fotografias em preto e branco podem ser extraordinariamente belas. O que explica por que tantos fotografos "artisticos" preferem o preto e branco. Mas o importante e perguntar de que beleza se trata. No caso da fotografia clara e distinta, trata-se da beleza da razao, tal como a vivenciamos na ciencia exata. No caso da fotografia borrada trata-se da beleza da busca da globalidade, tal como a vivenciamos em determinadas ideologias. As fotografias em preto e branco, corretamente analisadas, permitem que visualisemos, nao a beleza do mundo concreto, mas a beleza da mente humana que supera a concreticidade.

Em programa recentemente irradiado pela televisao franceza Fellini procurou explicar as razoes que o levam ora a fazer filmes em cores, ora a fazelos em preto e branco. Depois de ter cantado hino a cor, ("a cor e tudo"), caiu em si, e admitiu: "quando quero exprimir meu intimo, recorro ao preto e branco". Para Fellini, o preto e branco representa, intuitivamente, o universo da mente. As reflexoes precedentes sugerem que a intuicao de Fellini e correta. Pois e em tal espirito que convido criticos de fotografias e fotografos a encararem as fotografias em preto e branco. E, por extensao, convido todos a encararem, em tal espirito, todas as cosmovisoes, inclusive as que tem por problema o negro, este tema da presente Revista.